

AS CONSTRUÇÕES CORRELATAS E SUA TIPOLOGIA

THE CORRELATIVE CONSTRUCTIONS AND THEIR TYPOLOGY

Carla Catarina SILVA¹

Resumo: Inserido no escopo da Linguística Funcional, este artigo procura apresentar, a partir de autores funcionalistas, as construções correlatas como mais uma forma de relação intersentencial do português que foge à dicotomia tradicional entre coordenadas e subordinadas. Para tanto, baseamo-nos principalmente em Módolo (1999; 2005; 2008) e Castilho (2010) na apresentação do estatuto da correlação e sua tipologia. Em um exercício de análise, apresentamos exemplos retirados do Corpus do Português (www.corpusdoportugues.org) para classificação e exemplificação dos vários tipos de construções correlatas apresentadas, demonstrando a insuficiência da classificação binária em relação à dependência sintática intersentencial. Os resultados mostram que muitas são as possibilidades de construções correlatas e que a classificação tradicional entre coordenadas e subordinadas não abrange todas as relações existentes entre as sentenças, demonstrando, portanto, a importância dos estudos da correlação.

Palavras-chave: Correlação. Linguística Funcional.

Abstract: This article aims to present, from a functionalist perspective, the correlative constructions as another form of relation between sentences in Portuguese that escapes from the traditional dichotomy between coordinates and subordinates. In order to do so, we mainly rely on the work of Módolo (1999; 2005; 2008) and Castilho (2010) to the presentation of the correlation status and its typology. In an analytical exercise, we present examples taken from *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org) with the objective of classify and exemplify the various types of correlative constructions presented, arguing in favor of the insufficiency of binary classification in relation to the syntactic dependence between sentences. The results show that there are many possibilities for correlative constructions and the traditional classification between coordinates and subordinates does not cover all the relations between sentences, which points out to the importance of the studies on correlation.

Keywords: Correlation. Functional Linguistics.

Introdução

Este trabalho está calcado na Linguística Funcional, que tem por foco de estudo a língua em uso. Essa abordagem “procura determinar a função dos elementos linguísticos na comunicação” (ANTONIO, 2005, p. 2).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista CAPES. Endereço eletrônico: carlacatarina.s@gmail.com.

Dik (1989) apresenta a gramática funcional como uma teoria sobre a organização gramatical de línguas naturais, a qual compreende a língua como instrumento de interação social para estabelecimento de relações comunicativas. Nessa perspectiva, os usos fundamentam as expressões linguísticas, já que tal abordagem interpreta textos como unidades de uso, que integram componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, sendo os pragmáticos aqueles que acercam os demais (MAMUS, 2009).

Baseados nessa linha teórica, apresentamos, a partir de autores funcionalistas, o estatuto da correlação e sua tipologia, como mais um processo de combinação/ligação entre sentenças, não limitando-se à classificação binária tradicional que divide as sentenças entre coordenadas e subordinadas. Para cada um dos variados tipos de construções correlatas apresentadas, utilizamos exemplos retirados do Corpus do Português² (corpusdoportugues.org), em um exercício de análise de sentenças correlatas. Os exemplos em português brasileiro serão identificados pela sigla (PB), e os exemplos em português de Portugal, pela sigla (PP).

O estatuto da correlação

A partir do grau de dependência sintática entre as sentenças³, a Gramática Tradicional (doravante GT) classifica as sentenças como coordenadas (independentes sintaticamente) ou subordinadas (dependentes do ponto de vista sintático). Com base nos estudos funcionalistas, podemos perceber, a partir de alguns pesquisadores, que tal classificação binária não é adequada, já que algumas sentenças reconhecidas como coordenadas e subordinadas pela GT apresentam uma relação de interdependência entre si, demonstrando, dessa forma, uma ligação por correlação.

De acordo com Módolo (2008), a estrutura das sentenças correlatas apresenta uma conexão por meio de dois elementos ou expressões conectivas (Por exemplo: *não só... mas também, seja... seja*, etc.), em que um dos elementos se encontra na primeira sentença e o outro na segunda, correlacionando-se, diferente das conexões estabelecidas habitualmente por apenas uma conjunção, como ocorre nas sentenças coordenadas e subordinadas. Sendo assim, a correlação conjuncional, ainda segundo o autor, está no intervalo entre as categorias prototípicas: a coordenação e a subordinação, possuindo, dessa forma, traços característicos de ambas as

² “Criado pelo Professor Mark Davies, BYU. Financiado pelo National Endowment for the Humanities (2004, 2015). Faz parte da coleção corpora da BYU.” (texto retirado do site corpusdoportugues.org).

³ Em conúbio com os estudos de Castilho (2010), utilizamos o termo “sentença” no lugar de “oração”, já que, de acordo com o autor, tudo o que acontece com uma sentença simples pode, também, ocorrer com uma sentença complexa.

categorias. Nesse tipo de construção “não há oração principal, subordinada ou coordenada – elas são classificadas apenas como orações correlatas ou correlativas” (MACEIS, 2012, p. 49).

Outra questão relevante sobre as propriedades das correlatas que as diferem das coordenadas e das subordinadas é o fato de que as conjunções presentes nas sentenças correlatas não são formas simples, são conjunções complexas estruturadas, por exemplo: por repetição de expressões como em *ora... ora, seja... seja*; pela junção de advérbios de negação e de focalização presentes na primeira sentença e de comparação e inclusão presentes na segunda, como em *não só... como também*; pela junção de advérbios intensificadores com complementadores como em *tanto... que, mais... do que* (CASTILHO, 2010).

A interdependência, característica da correlação, está ligada ao processo de redobramento sintático, que “consiste na ocorrência de um segmento X a que corresponde obrigatoriamente um segmento Y” (CASTILHO, 2010, p. 387). Castilho (2010) apresenta algumas estruturas redobradas, identificadas em estudos de 2005: 1) redobramento por repetição; 2) redobramento por topicalização; 3) redobramento de pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos; 4) redobramento de pronomes adverbiais locativos e temporais; 5) redobramento de negação; 6) redobramento de quantificadores; 7) redobramento por correlação. Módolo (2008) apresenta ainda o redobramento de complementadores, contudo, devido ao foco de nosso trabalho, não explicaremos cada um dos redobramentos apresentados e enfocaremos apenas no redobramento por correlação. Tal processo sintático apresenta um segmento X na primeira sentença, que corresponde a um segmento Y na segunda, como nos exemplos apresentados por Castilho (2010): “Você falou tanto^(X) que fiquei rouco só de ouvir^(Y). / Na verdade você fala mais^(X) do que a boca^(Y)” (p. 387).

Conforme Castilho (2010), o arranjo sintático decorrente do processo de redobramento apresentado foi nomeado como correlação, que significa relacionamento simultâneo. Ainda segundo o autor, Oiticica (1952) foi, aparentemente, quem primeiro apresentou o fato de que as relações estabelecidas entre ligamentos por coordenação e subordinação não eram suficientes para abranger as possibilidades de relacionamento entre sentenças, apresentando uma tipologia das orações correlatas: correlação aditiva, correlação comparativa, correlação consecutiva e, em estudos posteriores, correlação alternativa. Partindo dessa visão, Oiticica, conforme afirma Maceis (2012), apresenta quatro processos sintáticos diferentes: a coordenação, a subordinação, a correlação e a justaposição.

De acordo com Módolo (1999), a correlação é compreendida a partir de uma perspectiva funcional da sintaxe, no entendimento de que a existência da estrutura é posterior à necessidade de cumprimento de determinadas funções, ou seja, do uso/função é que advém a estrutura. Para

compreender a correlação é necessário observar que, “em primeiro lugar, as orações se correlacionam funcionalmente, resultando depois uma disposição sintática, em que um termo da primeira oração encadeia-se com outro termo da segunda oração (MÓDOLO, 1999, p. 7)”.

O fenômeno sintático da correlação, conforme Módolo (1999), não é muito explorado pela literatura linguística, tanto portuguesa como brasileira, ainda que seja muito utilizado por falantes de ambas as nacionalidades e pode ser definido como

um tipo de conexão sintática de uso relativamente freqüente, particularmente útil para emprestar vigor a um raciocínio, aparecendo principalmente nos textos apologéticos e enfáticos, que se destacam mais por expressarem opiniões, defenderem posições, angariarem apoio, do que por informarem com objetividade os acontecimentos. (MÓDOLO, 1999, p. 3-4)

As sentenças correlatas abrangem algumas sentenças consideradas coordenadas e outras consideradas subordinadas pela GT. Das consideradas como coordenadas, são correlatas as sindéticas aditivas e as sindéticas alternativas, classificadas, dessa forma, como correlatas aditivas e correlatas alternativas, respectivamente; das consideradas subordinadas, são correlatas as adverbiais comparativas e as adverbiais consecutivas, classificadas então, respectivamente, como correlatas comparativas e correlatas consecutivas (MÓDOLO, 1999). Em estudos posteriores Módolo (2005) acrescentou à lista de correlação as correlatas proporcionais, as correlatas hipotéticas, as correlatas equiparativas e as correlatas diferenciativas.

As construções encontradas na ligação por correlação podem ocorrer de duas formas: a) correlatas espelhadas (formadas por espelhamento, por repetição do mesmo elemento conectivo, como no caso das correlatas alternativas e alguns tipos de comparativas de igualdade): *ou... ou, seja... seja, ora... ora, quer... quer, tanto... tanto, assim... assim, qual... qual, quem... quem, tal... tal, quanto... quanto, já... já, nem... nem*; b) correlatas não espelhadas (em que os elementos conectivos são diferentes, como no caso das correlatas aditivas, consecutivas, proporcionais, hipotéticas, equiparativas, diferenciativas e algumas comparativas).

Isso posto, a partir da próxima seção serão apresentadas as tipologias da correlação, com exemplificações retiradas do Corpus do Português (corpusdoportugues.org), como um exercício de análise das construções correlatas.

Correlatas aditivas

A correlação aditiva estabelece uma relação de adição entre as partes correlacionadas. Conforme Módolo (2008), existem os seguintes tipos de construções correlativas aditivas:

- (i) constituído de uma única partícula na segunda parte correlacionada: *não só... mas, não só... senão, não só... porém, não só... como, não só... também, não somente... mas, não somente... senão, não somente... porém, não somente... como;*
- (ii) constituído de duas partículas na segunda parte correlacionada: *não só... mas também, não só... mas ainda, não só... mas até, não só... senão também, não só... senão ainda, não só... senão que, não só... porém também, não só... porém sim, não só... que também, não somente... mas também, não somente... mas até, não somente... senão também, não somente... senão ainda, não somente... senão que, não somente... porém também, não somente... como também;*
- (iii) constituído, por cruzamento sintático, de três partículas na segunda parte correlacionada: *não só... senão que também, não somente... senão que também;*
- (iv) o termo intensificador interferindo no primeiro elemento da correlação: *não tão-somente... mas, não tão-somente... mas ainda* (MÓDOLO, 2008, p. 1095. Grifos do autor).

Vejamos os exemplos a seguir:

1. “A melhor alternativa é procurar um médico e não realizar a automedicação, pois pode agravar ainda mais o caso, oferecendo riscos *não só* para o bebê, *mas também* para a gestante [...]” (PB)
2. “O mal, desde que começou a existir pelo abuso que o homem fez de sua liberdade, não pode deixar de ser permitido; *não só* para a sua salvação *como* para preservação de sua sabedoria.” (PB)
3. “Eles ocuparam *não somente* a Mesopotâmia, *como também* o Egito, a Índia, as Américas.” (PB)
4. “Devemos ser pescadores de homens, *não só* para nosso próprio benefício, *mas também* para o de nossos irmãos e semelhantes.” (PB)
5. “Já foi provado, por vários estudos, que o pensamento negativo pode afetar o organismo e *não tão somente* ele, *mas* o nosso holossoma (todos os nossos corpos).” (PB)
6. “[...] antes de começar com o tema, é importante dizer sobre qual é a forma de trabalho deste banco para que o cliente que seja empresário desse tipo e necessite um financiamento, *não só* possa saber como é o crédito *senão que também* possa estar tranqüilo de fazer um financiamento [...]” (PB)
7. “Significa o direito da Mãe terra a viver sem contaminação porque *não somente* os seres humanos têm o direito a viver bem, *senão que também* os rios, os peixes, os animais, as árvores e a terra têm direito a viver num ambiente sadio, livre de envenenamento e de intoxicação.” (PB)

Todos os exemplos apresentam relação de adição/inclusão entre os termos relacionados, como no exemplo 1 em que o risco de automedicação existe para o bebê, incluindo (adicionando) o risco para a mãe.

Quanto às especificidades das formações correlativas aditivas apresentadas, podemos perceber, nos exemplos 1 e 2, a primeira formação correlativa aditiva, em que as sentenças

correlacionadas apresentam uma relação de adição por meio de uma única partícula na segunda sentença ou parte correlacionada. Em ambos os exemplos a expressão *não só* apresenta, conforme Módolo (2008), uma “denotativa negativa de restrição”, apresentando nas segundas sentenças de cada exemplo uma “denotativa de inclusão”: a partícula *mas* no exemplo 1, e *como* no exemplo 2. Ainda de acordo com o autor, no caso do *mas* há ainda, incorporado a ele, um valor etimológico de inclusão, já que ele deriva do latim *magis* que possuía, dentre outros aspectos, tal valor, por isso a relação de adição estabelecida no exemplo verificado.

Os exemplos 3 e 4 se enquadram nas formações constituídas por dois elementos na segunda sentença, e se caracterizam por estabelecer, assim como nos exemplos anteriores, relação de adição a partir de denotativa de inclusão na segunda parte correlacionada, *como também* no exemplo 3 e *mas também* no exemplo 4, combinadas com denotativa de negação nas primeiras sentenças de ambos os exemplos.

O exemplo 5 se encaixa entre as formações correlativas aditivas em que, interferindo no primeiro elemento da correlação, existe um termo intensificador (MÓDOLO, 2008), nesse caso o termo *tão*, formando a expressão *não tão somente*. Já os exemplos 6 e 7 apresentam, por meio de um cruzamento sintático, uma formação constituída de três partículas na segunda sentença (MÓDOLO, 2008), *senão que também* em ambos os exemplos.

Correlatas alternativas

De acordo com Castilho (2010), as correlatas alternativas caracterizam-se pela repetição de expressões como *ou... ou, seja... seja..., ora... ora*. Nesses casos, segundo o autor, “o que é dito para o primeiro termo não vale para o segundo” (p. 388). “Esse tipo de conexão interliga as unidades correlacionadas matizando-as de uma valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência entre eles” (MÓDOLO, 2008, p. 1096), como no exemplo:

8. “[...] porque ele *ora* se inclina para o bem por meio das verdades, *ora* para o mal, por causa das falsidades [...]” (PB)

Nesse exemplo há uma incompatibilidade entre o que é dito na primeira parte correlacionada e o que é dito na segunda. O valor alternativo estabelecido pelo par correlativo *ora... ora*, determina a alternância entre “se inclinar para o bem” e “se inclinar para o mal”.

O número de construções alternativas, conforme Módolo (2008), é pequeno e sempre há “uma única partícula compondo os elementos que se correlacionam: *já...já, nem... nem, ora... ora, ou...*”

ou, quer... quer, seja... seja.” (p. 1096. Grifos do autor). Castilho (2010) apresenta ainda que as correlatas alternativas podem se aplicar a sintagmas e a sentenças, como nos exemplos a seguir:

9. “É nosso dever acreditar e agir de acordo com essa fé de que, num casamento, tem preeminência quem tem a razão, e tem a razão quem está na verdade e na justiça, *seja* o marido *seja* a esposa.” (PB)

10. “É bom te-lo de novo aqui no blogue, o silêncio, mesmo na palavra escrita, é também ele uma fonte de aprendizagem, *quer* para quem lê, *quer* para quem escreve.” (PB)

No exemplo 9 temos sentenças correlatas alternativas que se aplicam a sintagmas, no caso “o marido” e “a esposa”, estabelecendo uma relação de alternância entre ambos. Já no exemplo 10 temos correlatas alternativas aplicadas a sentenças, “para quem lê” e “para quem escreve”.

Castilho (2010) afirma que algumas conjunções correlatas estão ainda no começo de uma gramaticalização, o que reduz a possibilidade de combinação com outras expressões. O autor explica ainda que as conjunções *ou* e *seja*, agrupadas, funcionam como marcadores discursivos para introdução de paráfrase, não possuindo uma característica alternativa, comprovando que a repetição da expressão é essencial para a noção de alternância desse tipo de correlação.

Correlatas comparativas

De acordo com Módolo (2008), as correlatas comparativas podem estabelecer, entre duas realidades ou conceitos, uma relação de igualdade (tanto... quanto), uma relação de superioridade (mais... que, mais... do que), uma relação de inferioridade (menos... que, menos... no que). O autor apresenta ainda que sua tipologia é numerosa e variada, e, ainda que existam várias outras possibilidades de construções correlatas comparativas, podemos encontrar basicamente três construções:

(1) Na primeira sentença, há intensificação relativa de um processo (verbo), de uma qualidade (adjetivo), de uma circunstância (advérbio) ou quantificação relativa de um elemento (substantivo). Na segunda sentença, há apenas um segundo termo da comparação, da mesma natureza que o primeiro [...].

(2) Na primeira sentença, um termo é destacado por uma marca formal, como primeiro membro de um cotejo, enquanto a segunda sentença também traz um membro destacado por meio de uma marca formal, o segundo membro do cotejo (da mesma natureza que o primeiro) [...].

(3) Na segunda sentença o segundo termo correlacionado é posto à altura do primeiro, expresso na primeira sentença, ocorrendo ambos em pé de igualdade (MÓDOLO, 2008, p. 1099).

Vejamos alguns exemplos:

11. “Sons automotivos podem custar *mais que* o valor do carro.” (PB)
12. “Algumas pessoas podem discordar, dizendo que a supremacia católica foi no período Barroco, mas a minha tese é que a Idade Média, por ter durado seu milênio, teve *muito mais* influência *do que* o Barroco.” (PB)
13. “Os efeitos da fumaça da maconha sobre os pulmões são *muito menos* problemáticos *do que* aqueles associados com o tabaco.” (PB)
14. “Nada para meus olhos é *menos* eterno *que* um passarinho, pequeno ser vulnerável e trêmulo, quando apanhado por mãos humanas.” (PB)
15. “Mas o sabonete comum e os géis antissépticos à base de álcool funcionam *tão* bem *quanto* os produtos com triclosan, sem causar nenhum dano.” (PB)
16. “*Tanto* um *quanto* a outra tinham culpa.” (PB)
17. “O espírito inglês Churchill exprimiu esta atitude de forma particularmente viva ao recordar a filosofia política de Sir Francis Mowatt, um alto funcionário público que servira *tanto* Gladstone *como* Diasraeli, os dois líderes rivais da Inglaterra vitoriana [...]” (PB)
18. E *assim como* o alimento tem de ser efetivamente ingerido, *assim também* as verdades têm de ser compreendidas, admitidas e vividas. (PB)

Os exemplos 11 a 15 apresentam a primeira forma de construção apresentada, no que se refere às correlatas comparativas, em que há uma intensificação de um processo, qualidade, circunstância ou elemento na primeira sentença (MÓDOLO, 2008). No exemplo 11, *mais* intensifica o verbo “custa” e estabelece um relação de superioridade entre duas realidades por meio do *mais que*. No exemplo 12, *muito mais* intensifica o substantivo “influência”, estabelecendo, assim como no exemplo anterior, superioridade entre duas realidades, combinado a *que*. A expressão *muito menos*, no exemplo 13, intensifica o adjetivo “problemáticos”, estabelecendo uma relação de inferioridade entre duas realidades, combinado a *do que*. A mesma relação pode ser vista no exemplo 14, por meio do elemento *menos* que intensifica o adjetivo “eterno”, formando então a expressão *menos... que*. Já no exemplo 15 *tão* é intensificador do advérbio “bem”, estabelecendo uma relação de igualdade combinado a *quanto*.

A segunda forma de construção das correlatas comparativas apresentadas pode ser vista nos exemplos 16 e 17, em que há – por meio de *tanto... quanto* no exemplo 16 e *tanto... como* no exemplo 17 - relação de igualdade entre as realidades, apresentando, conforme Módolo (2008), o primeiro membro de um cotejo na primeira sentença, e o segundo membro na segunda sentença, ambos da mesma natureza, sendo “eu” e “outra” no exemplo 16 e “Gladstone” e “Diasraeli” no exemplo 17.

O exemplo 18 se encaixa na terceira construção correlativa apresentada para essa categoria, em que, segundo Módolo (2008), o segundo termo correlacionado é colocado à altura do primeiro, por meio das expressões *assim como... assim também*.

Correlatas consecutivas

Conforme Castilho (2010), a primeira sentença das correlatas consecutivas apresenta uma causa, e a segunda, uma consequência, como nos trechos:

19. “A fama aumentou *tanto que* Jânio foi eleito deputado estadual, em 1950, com a maior votação.” (PB)

20. “Sonhei que eu estava com umas amigas em volta de uma mesa quadrada, eu estava sentada em a ponta de a mesa e um homem de o meu passado que mexeu demais com os meus sentimentos [...]. Pra mim tudo parecia *tão real que* acordei assustada.” (PB)

No exemplo 19, a causa para a consequência de Jânio ter sido eleito deputado foi o aumento de sua fama. Já no exemplo 20, a causa para a consequência de acordar assustada é o fato de tudo parecer real. Tal relação de causa e consequência é estabelecida por meio de *tanto que*, no exemplo 19, e *tão... que*, no exemplo 20.

Módolo (2008) afirma que a construção mais prototípica das correlatas consecutivas é *tanto... que*, e acrescenta que, em textos de épocas variadas, são encontradas as seguintes possibilidades de formação desse tipo de sentença:

- (i) A correlação consecutiva apresenta normalmente como primeiro elemento conjuntivo: *tanto, tão, tal, tamanho, quamanho, assim*, e como segundo elemento a conjunção *que*;
- (ii) Formas substantivas entram na composição do primeiro membro da consecutiva, como o elemento *tal*, antecedido de preposição: *de tal arte... que, de tal feição... que, de tal sorte... que, em tal maneira... que, por tal figura... que, por tal guisa... que*;
- (iii) Às vezes, o advérbio *tal* pode ser elidido: *de feição... que, de forma... que, de guisa... que, de jeito... que, de maneira... que, de modo... que, de sorte... que, por forma... que, por maneira... que, por modo... que* (MÓDOLO, 2008, p. 1099).

Verifiquemos os exemplos:

21. “O fato é que as lendas ao redor de ele ficaram *tão fortes que* alguns padres rejeitaram enterrar- lo.” (PB)

22. “Os hábitos maus enraízam *de tal sorte* em nosso psiquismo *que* se tornam extremamente difíceis de serem eliminados.” (PB)

23. “Por biológico queremos dizer algo que reside no corpo de um homem *em tal maneira que* ele possa ser transmitido de carne para carne, a partir da carne do pai para a carne do filho.” (PB)

24. “Não sou psiquiatra como o Dr. Tiebout, *de maneira que* meu conhecimento prático é somente aquele de clínica médica.” (PB)

25. “Eu vou ensinar você *como* desenvolver confiança e liderança *por forma que* você se venda para o prospecto como um líder e um guia [...]” (PP)

O exemplo 21 apresenta *tão* como primeiro elemento da correlação e como segundo a conjunção *que*, assim como apresentado na primeira possibilidade de formação das correlatas consecutivas. O elemento intensificador *tão*, nesse caso, liga-se ao adjetivo “fortes” e a conjunção *que* inicia a segunda sentença “que alguns padres rejeitaram enterrar-lo” a qual é a consequência da causa expressa na primeira sentença.

A primeira sentença do exemplo 22, “os hábitos maus enraízam de tal sorte em nosso psiquismo”, é causa da consequência expressa na segunda sentença “que se tornam extremamente difíceis de serem eliminados”. O primeiro membro da consecutiva é composto de uma forma substantiva por meio do elemento *tal* antecedido de preposição: *de tal sorte*; já o segundo elemento é a conjunção *que*. Essa amostra se encaixa na segunda possibilidade de formação apresentada para as correlativas consecutivas, assim como o exemplo 23, que expressa a causa na primeira sentença e a consequência na segunda sentença, da mesma forma como em todos os exemplos de correlatas consecutivas apresentados. O primeiro membro da consecutiva, nesse caso, é a forma substantiva *em tal maneira*, sendo o segundo membro: *que*.

Os exemplos 24 e 25 apresentam a terceira possibilidade de formação apresentada, em que o advérbio *tal* é elidido no primeiro membro, *de maneira* no exemplo 24 e *por forma* no exemplo 25, sendo o segundo membro a conjunção *que*.

Correlatas proporcionais

São raras essas formas de construção na literatura, construção essa em que a noção de conformidade se sobrepõe à de proporção, o que implica “um acordo” entre o enunciado da primeira e da segunda sentenças que se correlacionam (MÓDULO, 2008), como nas construções quanto mais... tanto mais, quanto mais... mais, quanto menos... menos, quanto mais... maior, quanto menos... menor, quanto mais... menos, quanto menos... mais.

26. “*Quanto mais* cedo tomar a pílula, *maior* será a eficácia.” (PB)

27. “*Quanto mais* o homem tenta vencer por si mesmo, *menos* ele o consegue.” (PB)

28. “De maneira geral, *quanto menos* relatórios nós recebermos, *maior* será a recompensa.” (PB)

29. “*Quanto menos* você for a igreja, *menos* vontade vai ter de ir.” (PB)

30. “*Quanto menos* quilates tiver, *menor* será a quantidade de ouro.” (PP)

Nas segundas sentenças de cada um dos exemplos está expressa uma conformidade sobreposta à proporcionalidade em relação ao fato expresso pelas primeiras sentenças. Tomando os exemplos 29 e 30, para melhor compreensão, percebemos que, na amostra 29, a vontade de ir à igreja é proporcional/está em conformidade com a frequência em que se vai, e, no exemplo 30, a quantidade de ouro é proporcional/está em conformidade com a quantidade de quilates.

Correlatas hipotéticas

Oliveira e Hirata-Vale (2011) apresentam as correlatas hipotéticas como um tipo diferente de construção condicional. Dentre alguns fatores que as diferenciam, podemos citar, ainda conforme as autoras, o fato de as condicionais canônicas apresentarem três possibilidades de ordenação: “a prótese [oração/sentença condicional] pode anteceder, seguir ou vir no meio da apódose [conclusão]” (OLIVEIRA; HIRATA-VALE, 2011, p. 160), lembrando ainda que pode-se alterar as sentenças envolvidas, sem que haja alteração na gramática, como no exemplo dado pela autora – retirado, também, do Corpus do Português (www.corpusdoportugues.org): “Se a comunidade dá uma chance, fica mais fácil.” = “Fica mais fácil, se a comunidade dá uma chance” (2011, p. 160).

Já as correlatas hipotéticas, conforme Oliveira e Hirata-Vale (2011), apresentam uma única forma de ordenação: a prótese sempre antes da apódose, como no exemplo trazido por elas: “[Se for essencial para a sua sobrevivência em Paris, vá tirar fotografias para a Embaixada.] *Se* não for, *então* você pode se dar ao luxo de recusar” (p. 161, grifo do autor). Se tomarmos esse exemplo e tentarmos inverter a ordem das sentenças, veremos que, conforme afirma Oliveira e Hirata-Vale (2011), a construção se tornará não gramatical, ou pragmaticamente improdutiva: “*Então* você pode se dar ao luxo de recusar, *se* não for?” (OLIVEIRA; HORATA-VALE, 2011, p. 161, grifo do autor).

A tipologia das correlatas hipotéticas, conforme Módolo (2008), resume-se a *se... então*:

31. “[...] *se* procurarmos as coisas espirituais para usos espirituais, *então* os nossos tesouros serão acumulados no céu de nosso espírito e também na terra de nossa mente natural” (PB)

32. “*Se* eu sou responsável pela criança *então* eu sou a mãe.” (PB)

33. “*Se* alguém não pode deixar alguém alegre *então* é melhor ficar quieto em um canto do que encher o saco.” (PB)

O elemento conclusivo/resumitivo *então* encontra-se na segunda sentença (MÓDOLO, 2008) de todos os exemplos apresentados, que, combinado com o elemento *se*, na primeira sentença, marca a ideia de hipótese, sobreposta à ideia de condição. Isso posto, entendemos que, na amostra 33, por exemplo, na hipótese de “alguém não poder deixar alguém alegre”, conclui-se que “o melhor é ficar quieto em um canto do que encher o saco”. Assim também ocorre nos exemplos 31 e 32, a hipótese é apresentada na primeira sentença e chega-se a uma conclusão na segunda.

Correlatas equiparativas e diferenciativas

Módolo (2005) apresenta, sem maiores aprofundamentos, as correlatas equiparativas e diferenciativas como mais duas formas de construção por correlação.

Baseado em Melo (1954), Módolo (2005) explica que temos uma construção correlativa equiparativa “quando o segundo termo é posto à altura do primeiro, em pé de igualdade” (MÓDOLO, 2005, p. 14), contudo, tal construção é colocada como mais uma forma de correlativa comparativa em seu estudo de 2008, equivalendo, então, à terceira possibilidade de construção correlativa comparativa apresentada neste artigo.

Já as correlatas diferenciativas, não abordadas no estudo de Módolo (2008), apresentam “o primeiro termo como mais importante mas negado, e o segundo como menos importante mas certo, indubitável” (MÓDOLO, 2005, p. 15), como no exemplo:

34. “[...] políticos itaunenses teriam sim recebido dinheiro, *senão* das malas, *pelo menos* dos caixas dois.” (PB)

O fato de os políticos terem “recebido dinheiro das malas” é tido como mais importante, porém é negado, já o fato de terem recebido dinheiro “dos caixas dois” é menos importante, mas é tido como certo.

Considerações Finais

Este artigo propôs apresentar as construções correlatas na língua portuguesa e sua tipologia, a partir de autores funcionalistas, na compreensão de que a correlação é mais uma forma de ligação/relação sentencial, em que as sentenças são interdependentes, diferentemente da dependência sintática apresentada pela subordinação e da independência sintática na coordenação.

Muitas são as possibilidades de construções correlatas apresentadas pelos autores em que nos baseamos, sendo as correlatas aditivas, alternativas, comparativas e consecutivas, as mais recorrentes no português (MÓDOLO, 2008) e, conseqüentemente, as mais abordadas pelos autores, assim como nos estudos de Castilho (2010). Em estudos de Módolo (2005) foram acrescentadas à tipologia da correlação as correlatas proporcionais, hipotéticas, equiparativas e diferenciativas. Já nos estudos de Módolo (2008), não há abordagem das correlatas diferenciativas, e as equiparativas são tratadas como mais uma possibilidade de construção das correlatas comparativas.

Na proposta de um exercício de análise, apresentamos exemplos de construções correlatas para cada tipo apresentado, todos eles retirados do Corpus do Português (corpusdoportugues.org), classificando e analisando as mostras de acordo com o aporte teórico utilizado sobre a correlação.

Em conúbio com Castilho (2010), compreendemos que a classificação binária entre coordenadas e subordinadas não é suficiente para abranger as várias possibilidades de relação intersentencial existentes, sendo a correlação mais uma das possibilidades de dependência sintática em um “*continuum*” nas quais as coordenadas e as subordinadas estão nos extremos, e as correlatas e as hipotáticas ao meio.

Referências

- ANTONIO, Juliano Desiderato. Algumas contribuições do funcionalismo e da lingüística textual para o ensino de gramática na escola. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 27, n. 1, p. 1-6, 2005.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010, 768p.
- DAVIES, Mark. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em 16 de jan. de 2017.
- DIK, Simon Cornelis. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.
- MACEIS, Valéria Adriana. *Um estudo funcionalista a respeito do uso de apenas um item do par correlativo aditivo “não só... mas também” e similares*. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.
- MAMUS, Priscilla Teixeira. *Uma investigação funcionalista dos meios de expressão das relações retóricas de causa e resultado em elocuições formais*. 2009. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Novo manual de análise sintática*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.

MÓDOLO, Marcelo. *Correlação: estruturalismo versus funcionalismo*. (Pré) publications: forskning og undervisning. n.º. 168, februar. Romansk Institut: Aarhus Universitet, Danmark, 1999.

_____. *Correlacionando orações na língua portuguesa*. 2005. Disponível em: <https://issuu.com/museulp/docs/correlacionando_ora____es_na_lingua>. Acesso em 06/01/2017.

_____. As construções correlatas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. *Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, v. 2. p. 1089-1101.

OTTICICA, José. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Simões, 1952. (Col. “Rex”)

OLIVEIRA, Taísa Peres de; HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes. Orações correlativas hipotéticas no português. *Revista da ABRALIN*, v.10, n.2, p. 143-172, jul./dez. 2011.

Chegou em: 26-07-2017

Aceito em: 23-08-2017